

# Origini



VIADUCTO  
FERNET-BRANCA



Editora



Bruna Bonavigo

# ORIGINI

Era 1920. Como fui parar lá? Não faço a mínima ideia. A última coisa de que me lembro foi conversar com meu avô e ir dormir, depois acordei e estava aqui, em um banco na praça de minha cidade, claro, com um pequeno detalhe: há 100 anos atrás do meu tempo original!

O que aconteceu? Por que estou aqui? Como vou voltar? Também não sei, mas é o que vou tentar descobrir. A primeira coisa que eu fiz ao me levantar do banco, claro, foi perguntar a uma pessoa que dia era hoje e porque tudo estava tão diferente. O homem me olhou como se eu fosse louca. Não o julgo, até eu estava duvidando de minha própria sanidade naquele momento. Perguntei novamente e ele me disse: 8 de junho de 1920.

Fiquei boquiaberta, não podia acreditar no que eu estava escutando. O homem ficou me olhando com uma cara feia e foi se afastando aos poucos. Na verdade, todos naquela praça estavam me encarando feio. Claro! Eu estava de pijama! Ai, meu deus, que vergonha...

Fui andando ao redor das casas, rezando para que tivesse alguma roupa que me servisse em algum varal fora das casas. Felizmente, achei uma roupa que me servia pendurada em um varal: um chapéu esquecido em um banco e um sapato velho do lado da porta de uma casa. Era uma roupa masculina, porém era a única coisa que eu tinha encontrado. Eu não me importo em usar uma roupa masculina, às vezes elas são até mais confortáveis do que as femininas. O problema era que, nos anos 20, as pessoas não tinham esse nível de compreensão... Não sei o que era pior naquela situação, ser taxada como louca por usar pijama nas ruas ou ser taxada como louca por usar uma roupa masculina sendo uma menina. Decidi fingir que era um menino, seria mais fácil pedir informação e que me levassem mais a sério. Já falei que eu odeio o machismo?

Prendi meu cabelo em um coque e o escondi por debaixo do chapéu. Fui para trás de uma casa em um local deserto, me troquei rapidamente e coloquei os sapatos. Joguei o pijama em um beco e segui para a praça como se nada tivesse acontecido. Agora só me resta pensar o que vou fazer para sair dessa furada.



*Estilo da roupa que eu estava usando*

Bom, vamos começar pelo começo; Meu nome é Veronica Piovere, eu tenho 16 anos, sou de 2020, porém vim parar em 1920 por alguma razão desconhecida. Vivo somente com o meu avô porque meus pais morreram em um acidente de avião. Moro no Interior do Rio de Janeiro, em uma cidade relativamente pequena, minha família era italiana, porém eles vieram ao Brasil no início de 1900. Eu tenho bastante interesse pela cultura italiana e tudo que sei dela é ensinado a mim por meu querido avô, Marco Piovere. Agora preciso achar alguma forma de voltar ao meu tempo e ao meu querido avô, que nem era nascido nessa época, por sinal.

Voltando ao assunto principal, eu não podia ficar vagando por aí sem rumo, precisava me localizar ou achar um objetivo. A cidade era totalmente diferente da que eu moro no presente, ela era praticamente uma vila. Não reconhecia mais nada, a não ser a velha prefeitura e a escola em que estudo, essas duas não mudaram quase nada.

A estação de trem estava funcionando, não tinha virado patrimônio histórico ainda, que incrível, pensei que nunca fosse ver isso! Os únicos pontos de referência que eu tinha eram esses, então decidi ir por eliminação: onde era mais provável de eu conseguir ajuda, ou melhor, de alguém para acreditar em mim? Não tinha motivos para ir à estação de trem, afinal, não existem trens que viajam no tempo. Na prefeitura ninguém iria acreditar em mim, duvido que adultos acreditariam nessa história. O único ponto que me restou foi a escola, eu costumava estudar lá no presente então não devia ser tão difícil me adaptar, talvez algum aluno queira me ajudar.

Fui caminhando em direção à escola. Felizmente, ninguém suspeitou de nada sobre meu disfarce. Cheguei à porta da escola e vi que os alunos usavam uniforme, um que era totalmente diferente do meu, graças a deus eles mudaram isso com o tempo, deus me livre ter que usar saia para ir a escola! Bom, agora eu tinha que arrumar um uniforme e tentar me infiltrar no meio dos alunos. Como fazer isso? Invadindo o armazém, lá deve ter algum uniforme usado ou sei lá.

Era de manhã, os alunos estavam entrando na escola para começar a aula. O número de alunos era bem menor comparado com o do presente, porém não era tão pequeno, estava uma muvuca e foi fácil de entrar. Fui correndo ao armazém, que, por sorte, não foi deslocado com o passar do tempo. A porta não estava trancada, então entrei sem nenhum esforço. Procurei um uniforme por todos os cantos, achei um masculino e me troquei, guardei a roupa que eu estava usando antes na bolsa que eu achei nos arredores, peguei um caderno e segui para fora do armazém.

Me infiltrei na turma que tinha mais pessoas ou menos da mesma altura que eu e aparentavam serem da minha idade. Entraram na sala e eu entrei junto. Todos estavam conversando e nem notaram a presença de uma pessoa estranha, o que é muito bom para meu lado. Uma menina de longos cabelos castanhos cacheados sentou-se ao meu lado e resolveu puxar conversa:

— Oi! Nunca te vi por aqui, é aluno novo?

— S-sim! Qual é seu nome?

Disfarcei usando uma voz masculina forçada.

— Meu nome é Carolina Rodrigues, mas pode me chamar de Carol. E você?

— Prazer Carol, meu nome é Ver- Quer dizer, Valentino!



Sou tão óbvia justamente nos momentos em que não posso ser.

— Ah! Prazer! Você não é daqui né? Sabe, numa cidade pequena se conhece todo mundo, porém nunca ouvi falar de você.

Eu sentia que a menina estava desconfiada, estava morrendo de medo de ser desmascarada! Será que eu iria presa ou simplesmente me expulsariam da escola? De qualquer jeito, eu ia perder minha única chance de ajuda e iria ficar totalmente desorientada.

— Realmente, não sou daqui, me mudei da capital.

— O que um garoto da capital veio fazer aqui nessa pequena vila?

A mentira ficava cada vez mais cabeluda, não sabia mais o que inventar.

— Uuuuh... Morar? Sabe, fugir de toda aquela muvuca da cidade e achar um lugar mais pacífico.

— E seus pais?

— Morreram...

Isso não era mentira pelo menos...

— Ah... Me desculpe, meus pêames...

— Tudo bem.

Desde então a menina não tocou mais no assunto e seguimos a aula quietas.



*Minha escola (nos anos 20)*

No final da aula, o professor fez a chamada. Meu nome claramente não estava ali e eu me ferrei bonito. Minhas desculpas esfarrapadas acabaram.

— Clarice?

— Aqui, professor!

— Carolina?

— Aqui!

— Júlio?

— Presente!

— Vítor?

— Aqui.

— Ué, não era pra ele ter falado seu nome? — Carol pergunta, e eu não respondo nada.

— Todos estão aqui, bom então vocês já podem sair. Espera...

Eu, que já estava quase na porta, gelei quando vi o olhar do professor sobre mim.

— Ei garoto! Quem é você? Não tem nenhum aluno novo na chamada!

— Ah! Eu sou o aluno novo sim, só que eu ainda não fiz o registro então não estou na chamada!

A pior desculpa que eu já inventei.

— Como assim não se registrou? Você não pode ir a aula antes de se registrar na escola!

— Desculpa, eu não sabia! Eu sou da capital e lá as coisas são muito diferentes daqui. Estou demorando para me acostumar!

— De qualquer jeito, você não pode ter aula sem o registro, volte depois que você se registrar. Ok?

— Posso pelo menos ficar só nessa aula?

— Não. Não posso dar privilégios para você só porque veio da capital. Se acostume e faça como os outros, entre com o registro.

Perdi minha chance de conseguir ajuda. Não conseguia pensar em mais nenhuma desculpa esfarrapada, nem mais um plano, nada. Eu estava perdida em 1920 e iria passar o resto da minha vida ali. Nunca mais voltaria para o presente nem veria meu avô... Eu estava presa naquele fluxo temporal em que eu não pertencia. Já estava perdendo minhas esperanças e começando a me desesperar. Saí quieta da sala em rumo a saída da escola, quando Carolina correu em minha direção e me parou:

— Ei! Espera!

— O que foi?

— Me conte, o que você veio fazer aqui?

— Como assim? Ter aula??? Não é o que se faz em uma escola por acaso?

Retruquei uma mentira, estava frustrada e impaciente.

— O que você REALMENTE veio fazer aqui? Achou que alguém ia acreditar nessas desculpas esfarrapadas? Porque você invadiu a escola, Valentino? Se é que esse seja mesmo seu nome.

Óbvio que eu tinha sido descoberta, sou horrível em inventar desculpas! E Carolina era muito inteligente pelo que podia ver.

— Droga! Sou tão ruim assim nisso?...

— Com certeza.

— Tá, tá, tá você me descobriu. Quer mesmo saber a verdade? A verdade verdadeira? Acho difícil você acreditar nela de qualquer jeito, é uma perda de tempo.

— Sim, quero. E chega de desculpas esfarrapadas.

O que ela tinha de esperta tinha de curiosa também pelo visto...

— Bom... Por onde eu começo? Ah, eu não sou um menino, meu nome é Veronica. Só me disfarcei de menino porque achei que seria mais fácil, e também porque foi o único uniforme que achei jogado no armazém.

— Então você realmente invadiu a escola, sabia! Por que fez isso?

— Porque eu precisava de ajuda e de alguém que acreditaria no motivo pelo qual eu estou aqui, adultos não acreditariam e eu espero que pessoas da minha idade acreditem. Vamos fazer o teste agora. Quantos anos você tem Carol?

—Uhhh... 16.

— Ótimo, a mesma idade que eu. Bom, sendo bem curta e grossa, eu voltei no tempo.

— Quê?

— Exatamente, sou de 2020. Vim para o passado e não sei como voltar, história louca, né? Pior que desta vez nem é uma desculpa esfarrapada, pode me chamar de louca se quiser.

— Bom, nesse caso, eu vou te chamar de louca sim! Que piada é essa?! 2020? Isso nem se encaixa no quadro de desculpas esfarrapadas, mas sim de loucura!

— Pois é, eu sei. Por mais que eu queira que seja mentira, é verdade. Não tenho provas concretas, mas quer que eu te fale alguma coisa que vai acontecer em uma determinada data? Aí você anota e espera chegar na data pra ver que é verdade! Não sei se isso seria violar as regras da lei do tempo, mas...

— Você tá de brincadeira com a minha cara?! Você deve ser louca mesmo... Devo chamar a polícia?

— Não, espera! Eu só contei porque você pediu, você não pode me denunciar! Você é minha cúmplice agora!

— Não sou cúmplice se eu denunciar. É o que pretendo fazer agora.

— Calma, eu não posso ser presa! Como eu vou voltar pro meu avô? Ele é minha única família! Por favor, eu não quero ficar presa em 1920 para sempre! Acredite em mim, esse não é meu tempo!

— Então você tem família? Ótimo, se não quiser que eu te entregue para a polícia, vamos ao seu avô. Onde ele mora?

— Ele é de 2020, já falei! Ele nem nasceu ainda, ele tem 80 anos!

— É louca mesmo. Bom, já que você se recusa a falar a verdade vamos até a polícia...

— Espera! Estamos em 1920... Meu avô pode não ser a única família que eu tenho neste momento... Claro! Meus ancestrais! Nonno Mateo, Nonna Elisa, Nonno Luigi... Todos eles estão vivos!

*\*Nota: Nonno e Nonna significa avô e avó em italiano. Nesta frase está sendo usado para se referir aos bisavós de Veronica.\**

Meu avô sempre me contava sobre sua mãe, seu tio, sua família quando ele era criança. Ele tem uma memória boa e muita saúde. Ele me contava muitas histórias sobre nossa família no passado e como ela chegou aqui, no Brasil, de como era a época da infância dele (que, no caso, vai ser daqui uns 20 anos), toda a história dos nossos antepassados.

— Elisa, minha mãe, se parecia muito com você, sabia? — Meu avô me dizia.

— Sério?

— Sim, ela era tão teimosa quanto você, e também tinha características físicas parecidas com as suas quando era mais jovem, eu me lembro que tio Mateo falava que ela dava muito trabalho quando mais nova hahaha!

— Ei, tá me chamando de encrenqueira???

— Hahahaha! Se a carapuça serviu...

— Ei!! Hahahaha!

Posso usar essas informações para achar minha família! Elisa, a mãe de meu avô, e consequentemente, minha bisavó; Mateo o irmão do meio (mais velho que Elisa) e tio avô de meu avô, Luigi, o irmão mais novo (somente 3 anos mais novo que Elisa), Giovanna, a irmã

mais velha, Lorenzo, o avô de meu avô, conseqüentemente pai de Elisa, Martina, a avó de meu avô... Será que o bisavô de meu avô ainda está vivo em 1920? Ele é bem velho, o Nonno Filippo, ele foi o que veio da Itália, nas poucas memórias que meu avô tinha dele, ele só falava italiano... até o fim de sua vida!

Imagine viver em um país em que todos falam outra língua e você não conseguir aprendê-la? Claro, quando ele veio pro Brasil ele já era velho, pelo que meu avô me contou. Ele veio com sua esposa, Matilde, e seu filho, Lorenzo. Matilde morreu logo após sua chegada ao Brasil, com pneumonia. Lorenzo já era um rapaz, ele se casou com Martina e teve os 4 filhos: Mateo, Elisa, Luigi e Giovanna. Uma bela história a de minha família...

Minha família sempre viveu nesta cidade desde sua chegada no Brasil, ou seja, em 1920 eles estão morando nesta cidade, que, no caso, é tão pequena quanto uma vila. Não deve ser difícil achá-los! Talvez eles possam me ajudar!

— Você é louca garota, precisa ser internada! — Falou Carolina.

Voltei a realidade e dispercei meus pensamentos e memórias. Carolina estava muito confusa e irritada.

— Carolina, você conhece alguém com o sobrenome Piovere??

— Uh? Sim, mas... Por que a pergunta?

— Meu nome é Verônica Piovere. Talvez eu consiga encontrar o resto da minha família pelo sobrenome, se você me ajudar, claro. Por favor, não me denuncie! Eu prometo que depois que achá-los você verá que não estou mentindo, muito menos estou louca. Vou te provar que meu tempo não é este! Minha família vai acreditar em mim, eu tenho um plano e provas verbais!

— Olha só, eu vou te levar até o Piovere que conheço, provavelmente você é alguma parente distante dele que enlouqueceu. Aliás, você é muito parecida com a irmã mais nova dele, agora que parei pra pensar...

Ela aceitou!!! Estou salva!! Por enquanto...

— Todo mundo fala isso... Quero conhecê-la, quero conhecer todos eles, minha família! A que meu avô sempre falava sobre!

— Então vamos logo. O Piovere que eu conheço é o Mateo, o aluno da minha turma que sempre falta às aulas. Um baita de um preguiçoso, se me permite dizer. Ele provavelmente deve estar lá naquele estábulo como sempre... Ele adora cavalos.

Mateo?? Da minha idade?? Vai ser muito difícil de se acostumar, já que meu avô só contava histórias sobre ele adulto. Quem diria que Nonno Mateo era um péssimo estudante... E pelos meus cálculos, se Mateo tem 16, Elisa tem 4?!?! A mãe de meu avô?!? Nossa, vai ser muito estranho...

— Enfim, me siga. — Disse Carolina.

— Ok!

E assim fomos em direção ao estábulo. Quando chegamos lá, eu vi um menino um pouco mais alto que nós, com uma roupa velha e surrada, cuidando de um cavalo preto como se fosse um filho. Era Mateo. Ele era bem diferente do que imaginei... Pelas histórias de meu avô, eu imaginei que ele fosse um pouco mais... diferente... Talvez mais apresentável...

— Ah, Carol! O que veio fazer aqui? Não devia estar na aula? Ou resolveu matar aula assim como eu? Hahaha!

— Desprezível, você sabe que sou uma ótima aluna, diferente de você... Só não estou na aula agora por uma boa causa, vim devolver sua parente tresloucada.

— Parente tresloucada??? Eu nem tenho parentes aqui Carol, acho que a louca aqui é você...

— Bom, essa menina aqui afirma ser sua “parente distante do futuro”. Vá, leve logo ela para casa, prometo que não contarei a ninguém que você tem uma louca na família, afinal eu não tenho nada haver com essa história.

— Mas eu realmente nunca vi essa menina na minha vida! Ela deve estar inventando, não somos parentes. Leve ela ao hospício.

— Eu ia levar, porém ela teimou que precisava vê-los então a trouxe aqui, agora ela está sob sua responsabilidade.

Carolina estava prestes a sair, quando Mateo a impediu, agarrando seu braço.

— O que foi? Me deixe sair!

— Você não vai simplesmente me deixar aqui com essa louca que nem conheço, vai?

— Claro que vou.

Eu continuava quieta e parada como um poste, assistindo a briga besta dos dois, quase dando risada, quando subitamente me chamaram.

— Ah, tanto faz então Carolina, melhor você se retirar mesmo. Então, menina louca... Afinal, o que quer comigo?

— Uh, eu? Primeiramente, não sou louca, isso é coisa de Carolina. Ela que tem uma mente muito fechada para entender coisas que estão além da ciência que vocês conhecem agora. Da que eu conheço também... Mas, isso não vem ao caso!

— Eu?! Você que é louca e veio com esse papo de viagem no tempo!

— Espera, viagem no tempo???? Você está dizendo que vem do futuro ou alguma coisa assim???

— Exatamente, sou sua parente distante de 2020, neta do filho de Elisa, que no caso ainda nem nasceu...

E a história iria se repetir...

— Meu deus... Ela é um caso sério... O hospício ficaria feliz em te receber, sabia? (Ou não...) E como conhece minha irmãzinha sua louca?! Está nos vigiando é??

— Já deu com esse negócio de louca! E meu avô me contou tudo sobre nossa família. Me pergunte qualquer coisa sobre ela, até coisas de antes de você nascer, eu sei de tudo.

— Nossa família uma ova! Minha família! Você é psicopata isso sim!

— Me teste, vamos.

— Já que você insiste, me diga de que província da Itália minha família veio. Duvido que acerte.

— Ah, essa é fácil! Província de Verona! A origem de meu nome, minha mãe o deu a mim por ser parecido com o nome da província em que nossa família morava antes de vir para o Brasil.

— Não acredito... Você... Realmente acertou. De onde diabos conseguiu essa informação?!

— Já falei, o filho de Elisa me contou.

— Elisa tem 4 anos! Ela não tem um filho!



— Ainda não, mas ela vai envelhecer no futuro, como todos vocês, que não me conhecem porque já estavam todos mortos quando eu nasci. E ela terá filhos.

— Lá vem ela com essa história... Foram meus pais que te passaram essa informação? Você conhece eles?

— Ah, Nonno Lorenzo e Nonna Martina. Nunca os vi presencialmente, porém sei algumas coisas sobre eles, as que meu avô me contou.

— Ótimo, vou levar a doida aos meus pais. Sério, no que eles estavam pensando quando contaram informações super detalhadas sobre nossa família para uma estranha louca?!

— Quer que eu o acompanhe? Nunca se sabe o que essa louca pode fazer...

Carolina pergunta, obviamente querendo saber onde essa história vai chegar. Aquela menina era muito curiosa, mas foi só por causa disso que consegui achar minha família, então devo agradecer.

— Eu já falei para se retirar, você me trouxe esse problema e agora ainda quer ficar enchendo meu saco sua curiosa?? Vá embora!

Mesmo assim, Carol nos segue até a casa de Mateo. Uma casa bem simples, como eu imaginei. Nossa família nunca foi muito rica, se é que me entende, viemos para o Brasil justamente porque estávamos morrendo de fome na Itália.

— Mamma, papà, sono arrivato!\*

Mateo chama sua mãe e seu pai em italiano. Provavelmente para Nonno Filippo entender também.

**\*Nota 2: Mateo falou “Mãe, pai, cheguei!”\***

— Figlio mio, cosa stai facendo? Non dovrei essere in classe?\*

A mãe de Mateo responde, enquanto sai para fora de casa, com uma criança no colo, ver o que estava acontecendo e por que seu filho chegara tão cedo.

**\*Nota 3: A mãe de Mateo responde: “Meu filho, o que está fazendo? Não deveria estar na aula?”\***

Dois coisas estavam claras ali: 1- A mãe de Mateo não sabia que ele era um péssimo aluno e faltava aulas. 2- Carolina não sabia nada de italiano, estava completamente perdida.

Já eu, sabia o básico de italiano porque tive a decência de aprender no Duolingo. Não existia nem internet nos anos 20 então não julgo Carolina.

— C-com licença, senhora? —Fala Carol, totalmente confusa.

— Ah! Me desculpem queridas, não as tinha visto! —Fala a mãe de Mateo, nos olhando por trás de seu filho Mateo— O que vocês estão fazendo aqui no horário de aula, crianças? Alguma coisa aconteceu? —Ela pergunta novamente, dessa vez em português, para Carolina entender.

— Nós viemos aqui te entregar a menina doida que de alguma forma sabe muita coisa sobre nossa família. —Fala Mateo.

— Eu já falei! Eu sou da sua família por isso sei sobre ela! Me desculpe, Nonna Martina, sei que se eu explicar bem o meu problema você entenderá. Diferente desses dois...

— Ela é completamente louca, senhora! Não dê ouvidos à ela! —Retruca Carol, enquanto Mateo acena com a cabeça concordando.

— Acalmem-se, crianças! Um de cada vez! Posso saber quem é você, querido? —Ela se dirige a mim, simpática.

— Primeiramente, sou uma menina, senhora. Estou vestindo roupas masculinas por um motivo... Enfim, meu nome é Verônica Piovere, eu meio que... Vim do futuro. Olha! Eu sei que é difícil de explicar, mas eu tenho provas e...

Tinha até esquecido das roupas.

— Tá vendo?! Ela é completamente louca, acha que veio de 2020! —Falam Carol e Mateo, em coro, me interrompendo.

—... O que? —A mãe de Mateo fica sem palavras.

— Ela sabe o nome de toda a nossa família, sabe até qual a província de onde viemos da Itália! Uma completa psicopata!

— Meu avô me contou! Ele é o futuro filho de sua filha, Elisa!

A mãe de Mateo fica nos encarando, passando os olhos de um para o outro, mais confusa ainda. De repente, surgem Nonno Lorenzo, o pai de Mateo e sua filha mais velha, Giovanna. Uma moça adulta muito bonita e jovial. Ela estava segurando um enorme tacho, com uma bela polenta dentro. O que indica que estava fazendo o almoço.



*Um tacho com polenta.*

— Que baderna toda é essa aí?! —Brada Lorenzo.

— É essa louca aqui, pai! Ela acha que é de nossa família do futuro! —Fala Mateo.

— O qu...

— Chega!!! Não aguento mais esse looping infinito de falar que sou do futuro, os outros me interromperem e me chamarem de louca e me arrastarem para outro lugar! Assim não vamos chegar a lugar nenhum! Deixem-me pelo menos terminar a história, parem de me interromper! Tenho certeza que depois que eu terminar vocês irão parar de me chamar de louca e acreditar em mim. Poderiam, por obséquio, me deixar eu terminar?

Interrompi todos eles, impaciente. Não aguentava mais essa história se repetindo! Só quero que eles acreditem em mim e me ajudem a voltar! Só isso! É pedir demais para seres como eles abrirem um pouco a mente e parem de ser tão teimosos?!

Todos eles pararam de falar e me encararam, atônitos. Lorenzo e Giovanna ficaram ainda mais confusos porque acabaram de entrar na conversa. Mesmo assim, todos se viram a mim, prontos para escutar.

— Ótimo. Vou começar bem do começo, para ficar bem claro para vocês. Em uma bela noite, em 2020, eu estava conversando com meu avô sobre os antepassados de nossa família, os Piovere, no caso, vocês. Depois de conversar, fui dormir. Quando acordei, eu estava aqui, deitada em um banco na praça, em 1920, totalmente perdida e de pijama ainda

por cima! Peguei umas roupas num varal (só achei masculinas, por isso estou vestida desse jeito. Devem ter estranhado, eu imagino.) E tentei achar um jeito de voltar para casa. Invadi a escola de Carol e Mateo à procura de ajuda, alguém que acreditasse em mim. Era mais provável que pessoas da minha idade acreditassem, e não adultos. Vi que minha tese estava incorreta... Como você pode ver, absolutamente ninguém acreditou em mim...

— Eu acredito em você!

Uma menina pequena, de mais ou menos uns 4 anos, surge da porta com um ar curioso. Era Elisa. A mãe do meu avô.

— Elisa, minha filha, por favor volte para dentro. Isso não é assunto de criança, ok? Já já a mamãe volta.

— Se não é assunto de criança então porque o Luigi está escutando?? — Retruca Elisa, vendo o bebê no colo de sua mãe.

— Luigi nem entende o que estamos falando, ele não conta! —Fala Mateo.

— Claro que entende! —Retruca Elisa.

— Posso, por favor, continuar? —Pergunto meio impaciente.

Todos ignoram Elisa e continuam a me escutar, atentamente, curiosos para saber o final da história. Principalmente Carol.

— Continuando, fui expulsa da escola, Carol, por pura curiosidade, veio até mim e eu contei minha história. Ela obviamente não acreditou e me trouxe até Mateo, meu tio avô de sei lá quantos graus, e ele também não acreditou em mim e me trouxe até aqui. Eu sei os nomes de todos vocês, a história de vocês, o passado e o futuro de vocês. Como eu falei para Mateo, me perguntem qualquer coisa sobre nossa família, eu vou responder corretamente. Claro, eu receio que vocês não possam me perguntar sobre seu futuro, infelizmente. A linha temporal é uma linha tênue, qualquer coisa que eu altere aqui irá alterar todo o futuro. Tenho que ter muito cuidado. Agora percebo isso.

Todos me encaram, estupefatos e incrédulos. Elisa é a que menos entendeu aquilo tudo. Continuo, parece que finalmente estão me levando a sério.

— Então, peço encarecidamente que me ajudem a voltar. Eu sinto que com vocês eu tenho mais chances, por favor! Deve existir alguma forma, não deve? Se eu consegui voltar no tempo, por que não conseguiria voltar ao meu tempo? Faz sentido, não faz??

— Nem um pouco— Fala Carolina, com um ar de apreensão.

— Ainda não acredito em nada do que falou, quero provas concretas. — Fala Mateo.

— Eu não entendi nem metade do que você falou, mas, estou disposta a ajudar! Uma viajante do tempo da nossa família! Que legal! —Fala Elisa, animada.

— Ela é completamente louca! Que asneiras ela está falando?! — Fala Lorenzo.

— Cosa sta succedendo?\*

Nonno Filippo, o mais velho do grupo, sai pela porta. Parece que ele estava escutando nossa conversa o tempo todo, por mais que não tenha entendido nada, já que ele não sabe falar português.

**\*Nota 4: Filippo falou “O que está acontecendo?”\***

A aglomeração estava tão grande que os vizinhos começaram a olhar para a multidão, cochichando e tentando descobrir o que estava acontecendo.

— Vamos entrar, antes que esses abelhudos espalhem essa história louca... — Fala Lorenzo.

— Vizinhos fofoqueiros de cidade pequena, clássico... —Eu resmungo para mim mesma enquanto entro na humilde casa.

— Continuando, essa história é completamente louca e faz muito pouco sentido... — Diz Giovanna, receosa, segurando a mão de Elisa— Eu acho que estou do lado do Mateo, só acredito com alguma prova concreta... Alguma máquina do tempo, artefato do futuro, qualquer coisa que prove que você é do futuro... Já estou forçando muito minha imaginação para tentar compreender-

— Então, “menina do futuro”, tem alguma coisa aí “suuuper moderna do futuro” que prove que você é de lá? — Fala Mateo, desdenhoso.

Eu me encontro em uma saia justa. Não tinha nada comigo a não ser o pijama que eu estava vestindo... E larguei ele em um beco! Estava sem esperanças, quando olho para o pescoço de Giovanna. Lá descansa um lindo colar, um colar de chifre italiano feito de ouro maciço. Parece simples, mas sua composição foi muito detalhada, o cordão com pequenos detalhes, seu pingente, possui um ar mais simples, porém contém um decorado de pérolas muito pequenas acima, misturadas com o ouro. É muito valioso. O colar pertence à família por muito tempo, nem sei como conseguimos ele... Ele está na nossa família dez do século XIV, provavelmente é o item mais valioso de nossa família pobretona. Ele é passado às meninas de nossa família de geração em geração, após elas completarem 16 anos... Um colar único, não existe nenhum igual a ele... E eu tenho um desses! Ganhei esse ano, ou melhor, em 2020, no dia do meu aniversário!! Essa é minha prova concreta!



*O colar de que se trata.*

Só tinha um problema... Ele não estava no meu pescoço! Eu devo ter largado ele junto com o pijama, lá naquele beco! Eu não acredito que fiz isso com o bem mais valioso de nossa família!! Precisava recuperá-lo, depressa! Antes que roubem... A não ser que já tenham roubado! Ai meu Deus!

— Eu tenho uma prova concreta! Só que ela não está comigo, preciso recuperá-la, depressa! Ai como sou irresponsável...

Saio pela porta, correndo toda estabanaada. Pela minha surpresa, os que me chamaram de doida varrida me seguem com curiosidade.

— Para onde ela está nos levando??? — Fala Martina, um pouco perdida.

— Não faço a mínima ideia, mãe... — Responde Mateo.

Procurei em todo o lugar esse maldito colar, não achava de jeito nenhum! E os outros já estavam ficando de saco cheio... Eles estavam quase desistindo de mim quando chegamos na praça. Reconheci imediatamente o local em que primeiro cheguei aqui, fui refazendo meus passos enquanto uns já tentavam me parar e finalmente, em um beco escuro, achei meu colar. Um gato preto rodeava o beco e impedia a passagem. Martina e Giovanna, todas supersticiosas, já se assustaram.

— Ai meu Deus, um gato preto! —Gritava Giovanna

— Vamos sair daqui logo! Eles dão muito azar! —Fala Martina

— Vocês duas, parem com essa crendice! —Fala Lorenzo, que sem mais rodeios simplesmente chuta o gato para fora para acalmar as senhoras. Eu, Carol, Mateo e Elisa o encaramos feio. Eu corro na frente para agarrar meu pijama.

— Esse pijaminha velho é sua prova concreta? — Diz Mateo, desdenhoso.

Eu cato o colar que estava no meio do tecido e mostro bem alto como se fosse uma medalha. Todos ficam boquiabertos, menos Carol, que não entendia nada. Giovanna olhava para o colar em seu pescoço e olhava o meu em seguida.

— É... É igual... Como isso é possível?? —Ela repete, incrédula.

Sim, o colar era igual, idêntico. Porém o meu estava mais velho, com o desgaste do tempo.

— O que vocês estão olhando? É só um colar. —Fala Carol sem entender nada.

— Não existe nenhum colar igual a este, ele vem sendo passado de geração em geração na nossa família. Há muitos anos! — Responde Lorenzo.

— Quem garante que não exista uma cópia dele por aí? Hoje em dia existe de tudo, senhora. —Carol rebate

— Não, você não está entendendo... Esse colar é único. Totalmente único. Como foi que você conseguiu pôr as mãos nele?- — Fala Lorenzo, incrédulo.

— Eu ganhei, herdei ele de Elisa, a última menina da família antes de mim. Meu avô, o filho dela, teve somente um menino; Meu pai. Ele esperou que eu completasse 16 anos para me dar isso. Você pode ver que esse aqui que estou usando é mais desgastado e um pouco enferrujado, porque tem mais tempo de existência. Ele é o colar de 2020.

Todos olham e comparam os dois colares, incrédulos. Eu estava certa, era o mesmo. Todos ficam uns minutos em silêncio, para depois finalmente aceitar a verdade:

— Você... Você realmente não está mentindo... Como isso é possível?!? No futuro existem máquinas do tempo?? — Mateo pergunta, intrigado.

— Bem... Não exatamente-

— Então como diabos você chegou aqui??? — Responde Mateo.

— É uma boa pergunta, não faço a mínima ideia. Só sei que preciso arranjar um jeito de voltar.

— Se você nem sabe como chegou aqui, que dirá como voltar... Acho melhor já se acostumar com 1920-

Carolina duramente esmagou minhas esperanças.

— Olha, não importa como cheguei aqui! O que importa é que vou arranjar um jeito de voltar! Como? Bom... Eu meio que ainda não sei...

— Se você diz...



Todos eles começaram a me fazer diversas perguntas enquanto saímos do escuro beco em que tinha jogado meu pijama. A maioria eu não respondo, com medo de que aconteça que nem os filmes: A pessoa do futuro vai ao passado, muda um monte de coisas, estraga toda a linha temporal e acontece uma catástrofe. Meu pior pesadelo seria mudar a linha temporal, o tempo é uma coisa tão sensível, qualquer coisinha que eu esteja fazendo aqui pode arruinar algo no futuro...

Quando saímos do beco, damos em frente à rua principal. Lá está mais movimentado que o normal. Um grupo considerável de pessoas está cochichando e olhando para algo, ou alguém. Me pergunto o que está acontecendo:

— Que muvuca toda é aquela??? — Pergunto eu.

— Eu sei lá, vamos lá conferir! — Diz Elisa, que já está se esgueirando entre os outros.

— Que gente estranha! — Ela grita sem pudor.

Todos ficamos curiosos e nos metemos no meio da aglomeração para saber o que está acontecendo. Todos estavam olhando para um grupo de 5 pessoas meio “peculiares” se é que me entende...

Eram 5 pessoas: A primeira, um velho vestido com um jaleco de cientista parecendo um trapo; A segunda, uma mulher jovem atrás dele, vestida com as roupas mais futuristas que já vi. “Em 1920? Não sabia que existiam roupas desse jeito nessa época...” Pensei comigo. A terceira, Um menino de mais ou menos 14 anos com uma armadura de cavaleiro???? E uma *espada*?! De verdade!?! Fiquei pasma. A quarta, um *homem das cavernas*????? Ele estava vestido igualzinho a um deles!!!! Tinha até a barba bagunçada e os trejeitos meio grotescos... A quinta, um jovem quase adulto vestido com roupas muito cafonas e formais, tipo essas aqui:



Ridículo né? Enfim, voltei aos meus pensamentos: Será que eram de algum circo? Ou será que são verdadeiros loucos? Como aquela mulher tem a roupa mais moderna que uma roupa de 2020?? Será que... Não, não é possível... Será que eles viajaram no tempo assim como eu????? Não, estou imaginando demais...

De repente, o menino com roupa de cavaleiro para no meio da rua. Ele enche os pulmões com toda a força e grita o mais alto que pode:

— QUALCUNO QUI GIÀ VIAGGIATO INDIETRO NEL TEMPO???

Ele falava italiano. De toda aquela muvuca, somente eu e minha família havíamos captado a mensagem, graças a deus! O mais surpreendente não eram as roupas, nem a língua, mas sim a mensagem: “*alguém aí já viajou no tempo?*” Foi o que ele gritou! Ele não parecia muito inteligente eu vejo, para gritar uma coisa desse tipo no meio da rua... Mas não importa, aquele grupo de esquisitos era igual a mim!!! Eles tinham viajado no tempo!!!!

— Ele é mais um louco da sua família Mateo?? — Perguntou Carol, quase rindo.

— Não, mas ele é italiano! Um viajante do tempo italiano!! Se bem que ele parece ter vindo do passado...

Carol, que não tinha entendido o que o menino falou, não capta a mensagem, porém, finge que entendeu.

O velho com jaleco reprime o menino antes que ele termine de falar. Escuto ele sussurrando meio alto:

— Está louco?!?! Não seja tão burro, não é assim que vamos achar a última pessoa! Não é como se ela surgisse da multidão e gritasse “Ah! Eu sou a pessoa que estão procurando! Viajei no tempo e de alguma forma entendo italiano!”

— Perché no? Penso che la mia idea sia meravigliosa... — O menino fala baixinho, desapontado.

**\*Nota 5: Ele falou: “Por que não? Acho que minha ideia é maravilhosa...!”\***

De alguma forma o menino também entendia português... Vejo que a mulher com roupas futuristas está encostando um pequeno eletrônico na orelha dele. O que seria?

— Ei, Veronica... Você também está achando que esses aí também viajaram no tempo? Ou são só loucos ou pessoas que trabalham no circo?... — Pergunta

— Eu acho que eles são como eu! Vamos lá falar com eles!

— No meio da praça?? Tá doida?? a cidade inteira vai achar que todos vocês são loucos! — Indaga Carol

— Eu não ligo para a opinião da cidade inteira, mas, como eu sei que vocês se importam, vou fazer uma abordagem diferente...

— Eu estou receosa em relação a essa sua “abordagem diferente”... — Diz Carol, desconfiada.

Pego um pedregulho que achei no chão e jogo no menino de armadura com um pouco de força; “Ele está vestindo uma armadura, não vai nem doer.” Pensei. A pedra ricocheteia na armadura de ferro e faz um barulho semelhante ao de um tiro. O menino se assusta e brada sua espada, todos os 5 ficam em posição de defesa. Toda aquela gente que estava ao redor foge desesperada e só ficam eu e eles. Minha família não tinha visto que eu tinha jogado a pedra então eles também se esconderam, porém quando viram que eu não me movi, foram lentamente voltando ao meu lado.

— Que tipo de “abordagem discreta” foi essa?!?! Você não tem nenhuma noção, sua imprudente! — Carol se enfurece.

Eles já iam começar a implicar comigo, quando o menino eleva sua voz, em um tom desafiador:

— Foi você que jogou aquilo em mim, sua estúpida?!?!

— Ué, como ele fala português? — Pergunta Elisa.

Eu vejo um pequeno colar com um aparelhinho eletrônico em seu pescoço, colocado por aquela mulher moderna.

— Já entendi tudo, um tradutor portátil. — Respondo.

Elisa continua sem entender nada.

O menino vem para mais perto de mim, aproximando sua espada afiada rente ao meu pescoço.

— Sim, fui eu. — Respondo, também em tom desafiante.

O menino se enfurece e levanta mais ainda sua espada.

— Alexandre, já chega!! — Grita o velho de jaleco— Você não pode simplesmente sair levantando sua espada para tudo e todos! Aqui não é a era medieval, estamos em tempos modernos!

O menino, que aparentemente se chamava Alexandre, abaixa sua espada emburrado.

— E você, menina, por que fez isso?! E porque está vestindo roupas masculinas?...

— Eu sou a pessoa que estavam procurando. Viajei no tempo e de alguma forma, sei italiano— Falei as exatas palavras que o velho tinha falado antes, em tom sarcástico, só para fazer troça dele.

Eles ficam pasmos.

— HAHA! Eu falei que minha ideia era maravilhosa!!! Viram só?! Seus ignorantes!

— Alexandre comemora.

— Ah cala a boca Alex, isso foi só um golpe de sorte! — Reclama a mulher moderna.

— Você está com inveja, Ivy! — Rebate Alexandre, ou Alex.

— Ahahaha! Vai sonhando! Mas, e você, Tom, qual a sua opinião?

O rapaz com roupa cafona e formal olha para os dois com visível decepção e bufa:

— Já falei para parar de me chamar assim, meu nome é Tomás!

Depois volta a ignorar os dois.

O homem das cavernas grita algo totalmente incompreensível:

— LERUILREUIGVBEHAEIGB!!

— Oi?- — Todos da minha família e eu o olhamos, em visível confusão.

— Ninguém entende ele, é assim mesmo... — Fala Ivy.

O velho de jaleco interrompe nossa conversa:

— Você é mesmo do futuro? Ou só falou isso para fazer troça de mim?

— Os dois... Aliás, eu sou de 2020, e vocês? Vejo que do mesmo ano que eu vocês não são... Eu gostaria de saber o que está acontecendo- Por que viemos parar aqui?

— Calma, uma coisa de cada vez. Iremos te explicar— Ele responde.

— Que milagre! Vocês acreditaram em mim tão rápido! Minha família demorou séculos!

— É mais fácil acreditar em uma história maluca dessas quando você a viveu por si próprio... — Responde Tomás.

— Bom, tudo começou por causa da Ivy... — Continua o velho.

— É, mas eu juro que não foi intencional, Chris! — Adiciona Ivy.

— Ela também gosta de inventar apelidos estranhos para os outros, como você pode ver. A propósito, por favor me chamem de Christopher.

— Ok, senhor. — Responde Mateo.

— Estamos falando do ano 3020, o ano de Ivy... Um acidente acontece em um laboratório de testes de novas tecnologias, no caso, um acidente com a máquina do tempo. Ela está em construção, a humanidade finalmente consegue achar uma solução para a equação que os permite transitar pelo espaço tempo sem sequelas aparentes. Ivy, a engenheira responsável por essa resolução, fez um pequeno erro de cálculo que põe todo o espaço tempo em risco. Ela não percebeu seu erro a tempo e começaram-se os testes do novo dispositivo. Ela própria se ofereceu a testar, programou seu curso para o ano de 1920, com o objetivo de tentar impedir a futura Segunda Guerra Mundial, o estopim para várias outras guerras no futuro.

— É surpreendente como uma pessoa tão ignóbil como Ivy tinha um papel tão crucial no futuro... Me pergunto se a capacidade mental dos seres foi diminuindo com o passar do tempo... — Fala Tomás, com um ar super arrogante.

— Eu nunca entendo nada do que o velho fala! E você, Ooga Booga? — Fala Alex, o mais “ignóbil” de todos.

— Kiebh oiuebcno odnokvlef— Responde o homem das cavernas, a quem o Alex chamava de “Ooga Booga”.

— Pois é, pensei a mesma coisa! — Fala Alex, fingindo ter entendido.

— Ei! Olha quem você está chamando de “ignóbil”, você usa uma calça que parece uma ceroula de velha! — Ivy fala, se referindo ao Tomás.

— Parem vocês três! Deixe-me explicar o resto da história, por favor!

Aquele grupo era puro caos.

— Christopher, me explica umas coisas, por favor; Como você sabe de tudo isso? Veio do futuro também ou pertence a esse tempo? De que épocas vieram os outros? Por que Ivy está no Brasil sendo que o núcleo da segunda guerra foi na Europa? Que acidente foi esse?

— Calma! Uma coisa de cada vez! Continuando a história, Ivy chegou em 1920 com segurança, nada parecia fora do normal então ela continuou sua missão. Porém eu, que sou um físico inglês renomado de 1920, consegui detectar essa anomalia. Andava tentando resolver o cálculo que Ivy resolveu há anos! Mas nunca tive sucesso... Até que meu computador identificou uma mudança brusca nos números, fui analisar e percebi que alguém já tinha feito o que eu estava planejando fazer, viajar no tempo. Mas, o tempo tinha se rasgado, várias “dobras” ocorreram e várias pessoas de tempos diferentes foram levadas junto com Ivy para este mesmo ano! Ninguém acreditou em mim quando eu falei sobre viagens do tempo e anomalias temporais, pensavam que eu estava louco! Mas, minha comprovação foi uma série de notícias, todas ao mesmo tempo, de estranhas “aparições” de pessoas caracterizadas com roupas do passado (ou do futuro, no caso de Ivy). Na Itália, tinha um garoto de 14 anos vestindo uma armadura medieval e causando terror aos residentes; Alexandre, de 1420, na época medieval, era essa pessoa. Na Ucrânia, um homem com aspectos físicos e roupas da pré-história. Esse homem é o mesmo que está presente conosco, que Ivy e Alexandre chamam de “Ooga Booga”. Não entende nossos gestos e nem o que falamos, é muito primitivo. Ele vêm de mais ou menos uns 20 mil anos atrás, pelos meus cálculos. Aqui, no Brasil, retratavam a "ressurreição" de um membro da corte portuguesa de 1820; Tomás. Eu procurei a pessoa que tinha causado a catástrofe, Ivy. Mas, ela me achou primeiro. Percebeu seu erro de cálculo (um pouco tardiamente) e veio à procura de todos que

tenham sido vítimas dessa anomalia, com a finalidade de resolver o problema. Você é uma dessas vítimas, Verônica. Isso responde todas as suas perguntas?

— Hmmmm... Quase todas. Faltou vocês me contarem o que foi essa anomalia e como vamos consertá-la.

— Isso já é algo que Ivy tem que explicar à você. — Responde Christopher.

— Olha, a anomalia é uma coisa meio complicada de explicar... Eu vou simplificar um pouco: Imagine que eu estou viajando de carro. O pequeno erro de cálculo fez eu viajar em um “terreno instável” da linha do tempo, meu plano era pegar a rota mais segura porém acabei pegando o “caminho cheio de curvas e obstáculos”, isso fez com que eu rasgasse uma “pequena raiz” que fez o tempo fazer pequenas dobras puxando pessoas aleatórias de várias linhas temporais para o mesmo destino que eu. Deu pra entender?

— Mais ou menos... — Eu respondo meio confusa.

— Eu continuo não entendendo... O que é um “carro” afinal?! — Fala Alex.

— Eu nem vou tentar te explicar... Aliás, nem posso. As mentes de todos os envolvidos serão apagadas quando nós voltarmos ao nosso tempo original, para evitar mais catástrofes e acontecimentos que não deveriam acontecer naquela linha do tempo. Agradeço ao Chris por ter resgatado todos esses doidos antes que eles causassem mais estragos! — Responde Ivy.

— Então não vou me lembrar de nada que aconteceu aqui?...

— Não, não vai.

Eu fiquei meio triste ao saber disso, tive a chance de conhecer pessoalmente todos os membros da minha família que meu avô sempre falava, para depois não lembrar de mais nada! Eu entendo as precauções de Ivy, mas isso me deixa meio chateada... Viver uma aventura maluca e não se lembrar dela, que coisa chata.

Minha família, que esteve o tempo todo escutando junto comigo, não entendeu nada.

— Olha só, eu não entendi nada do que vocês falaram, mas, o que precisamos fazer afinal, para que Veronica volte ao tempo dela? — Fala Elisa, com a intenção de ajudar.

— Quantos anos vocês tem? — Giovanna pergunta, aérea.

— Eu não acho que a informação seja necessária, mas, eu tenho 18 anos, Ivy tem 22, Christopher tem 67, Alexandre tem 14 (uma criança insolente) e ninguém sabe a idade do primitivo... — Responde Tomás.

— Vamos direto ao ponto, sem mais enrolação! — Brada Carol, impaciente.

— Bom... Para consertar o problema nós precisamos consertar alguma mudança na linha temporal, que eu causei. Depois de reparar os estragos que causamos neste tempo, poderemos todos voltar em segurança. Afinal, já percebi qual foi o meu erro no cálculo e o resolvi com a ajuda do Chris. O único problema é que eu não sei que mudança foi essa! Já conferi todos os acontecimentos importantes dessa época, nada mudou!

— Então você nem sabe como vamos voltar??! — Fala Tomás— Você não tinha nos contado essa parte!!

— Aliás, cadê essa tal “máquina do tempo” hein, Ivy? — Fala Mateo.

— Ah, ela está bem aqui no meu braço! — Fala Ivy, apontando para um bracelete em seu pulso.

— Isso aí é uma máquina do tempo??? — Eu pergunto.



— Sim, desenvolvido em 3020! É portátil e de alta tecnologia! Gostou? — Fala ela, convencida.

— E tá funcionando?- — Pergunta Martina, meio desconfiada.

— Uhum, eu só preciso ligar com a chave de segurança! Essa aqui que está pendurada no meu pescoço... *Cadê ela????*

Todos entramos em desespero.

— *Como assim você perdeu a chave????* — Todos nós questionamos.

— E-eu não sei!!! Eu estava com ela quando vim para esse tempo! Eu não notei que ela tinha sumido...

— *Ivy, você é muito desligada!!!*

Ivy para, reflete, e encara meu pescoço, depois o de Giovanna.

— Aha! Está alí!! — Ela fala.

— O quê?- — Eu e Giovanna falamos juntas.

— A chave! No seu pescoço! Só não entendi por quê existem 2... Será que ela se multiplicou na viagem?..— Ivy responde.

— Do que diabos você está falando???? Esse colar esteve na nossa família há séculos! Não é uma chave maluca pra sei lá o que é isso no seu braço! — Martina fala, protegendo o colar.

— Há séculos hm... Ha! Então deve ser isso!! Essa era a mudança na linha temporal!

— O quê?? — Todos nós falamos, confusos.

— Provavelmente o colar deve ter se soltado do meu corpo e se perdido no tempo! Desde que época sua família obtém este colar? — Fala ela.

— Dez do século XIV... Por quê?

— Hmm... Você poderia ser mais específica? em que ano vocês acharam?

— Aí já é pedir demais! Eu não sei...

— Hmm... Tem um jeito de descobrir. Tenho aqui um scanner que vai nos indicar quanto tempo de vida tem alguma coisa, foi assim que descobrimos de onde veio Ooga Booga! Me dê o colar.

Giovanna entrega o colar, receosa. Ivy lê os dados do colar e anuncia:

— 1320! Esse colar foi parar em 1320! Ele tem 600 anos... Fico surpresa que ainda esteja em boas condições...

— O meu é ainda mais velho, tem 700 anos. — Eu respondo.

— Enfim, me devolvam as chaves e eu acho que tudo se resolverá! Irei trazer elas comigo, acho que se passarem mais uma vez pela linha do tempo elas devem se fundir de novo e todo esse problema será resolvido!

— Você *acha*? Você precisa ter certeza! Não vamos te dar nosso bem mais precioso sem nenhuma prova de que isso dará certo!

— Veronica, me empreste seu colar rapidinho? — Ivy pergunta.

— Uhh... Claro. — Eu respondo, meio receosa e desconfiada, e dou o colar à ela.

Ela abre a “lua deitada”, que é o pingente do colar e encaixa em um buraco de seu bracelete, o formato do buraco parece um  $\alpha$ . O bracelete liga e começa a brilhar como se fosse uma máquina. Porque é uma.

Todos nós ficamos surpresos:

- Isso... Isso realmente funciona! — Eu falo, entusiasmada.
- Finalmente podemos voltar para nosso tempo! — Tom comemora.
- O que estamos esperando? Vamos logo!
- Bom... Você não quer se despedir, Veronica?

Eu olho para trás, minha família está nos olhando. Tive pouco tempo com eles e não formei grandes laços. Eu queria ter ficado mais tempo, conhecido o passado, conhecido eles. Mas não adiantaria nada, eu voltaria e esqueceria tudo do mesmo jeito. Tenho que partir, é melhor assim. Não posso viver no passado. Tenho que voltar ao meu tempo, todos eles já estão mortos e eu preciso aceitar isso, preciso aproveitar ao máximo meu tempo com meu avô, enquanto ele não for para o mesmo lugar que todo o resto da minha família...

— Foi bom conhecer todos vocês... Mas eu preciso voltar, vocês sabem disso. Não sou daqui, sou de 2020, preciso voltar para cuidar do meu avô... Adeus, acho que não voltaremos a nos ver... Talvez quando eu morrer-

— Não fale nisso da boca pra fora! Ninguém vai morrer aqui ainda! — Repreende Martina.

— Tá bom, tá bom! Tchau!! — Eu me despeço.

Ivy liga a máquina e pede para darmos as mãos formando um círculo, a máquina liga e todos nós somos envolvidos por uma luz branca. Depois, mais nada.

O despertador toca, são 7 da manhã, 8 de Junho de 2020. Estou atrasada para a aula! Levanto rápido e me arrumo, vou tomar café e me deparo com meu avô sentado na mesa me esperando:

— Acordou tarde, hm? Não é típico de você, minha neta.

— Ah, me desculpa! Essa escola está bagunçando meus neurônios! Preciso de férias! Ainda bem que não falta muito.

— Hahaha! Eu sei bem como é! Agora se apresse, você já está atrasada!

— Ok!

Engulo rápido meu café da manhã, arrumo minhas coisas e quando estou de saída, me deparo com uma foto. Uma foto de toda a nossa família. Elisa, Mateo, Giovanna, Martina, Lorenzo, Filippo, Luigi... Um flashback vem à minha cabeça e eu fico tonta.

— Está tudo bem? — Meu avô pergunta.

— Sim, só... Ah, deixa pra lá. Estou de saída, tchau!

— Se cuide!

Porque sinto que estou me esquecendo de algo?

**Fim.**



*"Era 1920. Como fui parar lá? Não faço a mínima ideia."*

Veronica Piovere, uma menina de 16 anos descendente de italianos que vive no interior de São Paulo, de alguma forma, viaja através do tempo e volta para o passado. O que ela fará agora? Como voltará para casa e para seu querido avô? Você descobrirá lendo este livro!

*"Meu avô pode não ser a única família que tenho neste momento... Estamos em 1920... Meus ancestrais ainda estão vivos!"*